



> proa | relatos

> **Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)**

Luiza Serber¹

> luizaserber@yahoo.com.br

Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Eliel Benites

> eliel.benites@gmail.com

Doutor em Geografia
Professor da Faculdade Intercultural Indígena
Universidade Federal da Grande Dourados

¹ Agradeço imensamente aos membros da Ascuri que tão generosamente vem compartilhando comigo seus modos de pensar e fazer cinema. Esse relato é fruto dessa partilha. *Aguyjevete.*

Resumo >

Este relato descreve, em palavras e imagens, o processo de realização do filme “Mokõi Kovoe”, uma produção da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri) desenvolvida em comunidades do povo Kaiowá. Trata-se de uma breve história de como o mito de origem do pássaro sagrado *Kovoe* percorreu diferentes tempos, suportes, grafias e linguagens até expressar-se em cinema. O relato estrutura-se em torno de dois eixos: primeiro, o caráter comunitário desse processo de produção fílmica, proporcionando uma experiência de retomada do *teko joja* (*jeito harmonioso de ser*), depois, a relação entre este processo e o *yvy rendy* (*mundo espiritual*), sendo os *ñanderu* e as *ñandesy* (*rezadores, xamãs, líderes espirituais*) os principais guias e agenciadores dessa relação. Imersos em uma paisagem cosmológica em que distintos mundos são conectados por diferentes linguagens, as imagens e os sons do cinema da Ascuri – bem como os corpos-objetos que os produzem e guardam – se integram também como elementos atuantes neste campo de mediações.

Palavras-chave >

Cinema indígena; Cosmologia Kaiowá; Visualidades ameríndias.

[...] Nhanderu plantou o milho branco, “agora vamos nos preparar pra gente ir pro céu”, “vamos comer só peixe e farinha de milho branco, e chicha também”. “Então vamos rezar”. Aí começou a chamar todo mundo, e começou a rezar, rezar, rezar, rezar... Na colheita do milho branco Nhanderu já começou a rezar. Nhanderu falou para a filha assim: “de manhã bem cedo, você não pode ir nem lá, aqui tem reza, você não pode ir lá sentar sozinha, você tem que ficar aqui do lado”. Aí veio aquele relâmpago, veio relâmpago, relâmpago... Aí caiu perto dele, parecia aquela corneta “tchiiiiiiiiuuuu”, uma vez. Aí na segunda vez Nhanderu falou para as filhas assim: “pega água e volta rápido porque o caminho brilhante vai aparecer para a gente ir embora. Se você tomar banho, se você entrar na água, se você demorar, você não vai mais não. Vem, pega água, e traz rápido, porque o caminho brilhante já vai aparecer daqui a pouco.” A filha falou “tá bom”. Aí ela chegou lá e esqueceu, tomou o banho, brincando, mexendo no cabelo [...]

Trecho do mito de origem do pássaro Jaó (*Kovoe*), narrado por Ademilson “Kiki” Concianza, indígena Kaiowá da aldeia Panambizinho e cineasta da Ascuri.

As artes verbais ameríndias, nas suas mais diversas manifestações, podem ser percebidas como vias privilegiadas de acesso a perspectivas *outras*. Entre os Kaiowá, a palavra, *ñe'ë*, é “voz, fala, linguagem, idioma, alma, nome, vida”, é *palavra-alma* (CHAMORRO, 2008, p.57). É alicerce da comunicação entre múltiplos *ára* (mundos) e entre os diferentes seres que os habitam. A palavra, quando enunciada, toma *forma* no mundo, torna-se fio a tecer a malha da vida. As narrativas míticas não se encerram em seu próprio tempo, atravessam gerações através da transmissão oral e operam a conexão entre eventos transcorridos no tempo dos antigos – *ára ymagware* – que *agem sobre* os modos de ser na atualidade – *teko pyahu*. Os mitos, assim, desenham futuros ao ilustrar passados, enquanto dão lugar e sentido ao tempo presente.

Partimos aqui do lugar da *palavra* – em especial, das narrativas míticas – entre os Kaiowá para tecer uma breve história de como o mito de origem do pássaro sagrado *Kovoe*² percorreu diferentes tempos, suportes, grafias e linguagens até expressar-se em *áudio-visual* – *ta'angapu*, em tradução aproximada ao guarani – no filme “Mokõi Kovoe”, mais recente realização da Ascuri (Associação Cultural de Realizadores Indígenas), coletivo que reúne indígenas dos povos Kaiowá, Guarani e Terena e vem atuando no campo da formação e produção audiovisual há mais de uma década.

Em forma de relato, propomos que essa história seja aqui lida, mas também *vista* através das fotografias que a entretace. Costurado a quatro mãos – por uma pesquisadora *kara*³ e por um pesquisador e cineasta indígena – este relato é enunciado a partir de duas vozes que, ora se encontram formando um *nós*, ora se distanciam por ocuparem posições bastantes distintas no processo de produção fílmica aqui descrito. Neste segundo caso, optamos por nos referir a nós mesmos em terceira pessoa.



² Pássaro popularmente conhecido como *Jaó*.

³ Termo referente aos “brancos”, à sociedade não-indígena.



Figura 1 – Gee e Kiki, cineastas da Ascuri, preparam as fogueiras para as filmagens em Te'yijusu (SERBER, 2021).

1 A Associação Cultural de Realizadores Indígenas

A realização do filme “Mokõi Kovoe” marca um momento muito especial na trajetória de engajamento dos jovens indígenas da Ascuri com o cinema – com sua linguagem, com seus processos e tecnologias. A caminhada da Ascuri⁴ compreendeu até aqui a realização de inúmeras oficinas de formação audiovisual (predominantemente ministradas em aldeias sul-mato-grossenses, mas também muitas vezes fora delas, entre os Cinta Larga (RO), os Xavante (MT), os Guarani-Mbya (RJ), entre outros), bem como a produção de dezenas de filmes⁵ (abrangendo os mais diversos temas: de narrativas míticas a rituais, depoimentos de lideranças, técnicas e medicinas tradicionais, vídeos-denúncia de conflitos territoriais). A realização de tais oficinas e filmes foi possível graças a uma grande diversidade de projetos, eventos e parcerias que atravessaram a história da Ascuri e vem viabilizando a continuidade de suas atividades (entre estas podemos mencionar: as diversas edições da oficina *Cine Sin Fronteras*

4 Para um relato mais completo da trajetória da Ascuri, recomendamos a dissertação escrita por um de seus membros fundadores, Gilmar Galache (cf. GALACHE, 2017), do povo Terena. Além de coordenador da Ascuri, Galache é também formado em Design pela Universidade Católica Dom Bosco, é mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, e tem especialização em Cinema pela Escuela de Cine y Arte de La Paz (ECA/Bolívia).

5 Boa parte destes filmes se encontram disponíveis no canal da Ascuri no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC_EvIOBMTbte94t3YtJWT_Q>. Acesso em 10 jun 2021.

e do Fórum de Discussão sobre Inclusão Digital nas Aldeias (FIDA), os projetos *Vídeo Índio Brasil* e *Ava Marandu - Os Guarani convidam*, o *Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI)*, entre outros).

A formação dos membros da Ascuri não se deu previamente à realização destes filmes, mas *ao longo* deles. Formação que foi sendo constituída durante os processos de produção de cada oficina, de cada filme, fundamentada nos princípios de “aprender fazendo” e na noção de que cinema não se encerra no produto audiovisual *em si*, mas se constitui por todas as relações que mobiliza e processos que agencia. Embora esta formação seja contínua, ela tem na Bolívia seu marco inicial e no documentarista Quéchua, Iván Molina⁶, sua referência. A Ascuri começou a ser idealizada por Gilmar Galache e por Eliel Benites, um dos autores deste relato, a partir de sua participação conjunta em 2008 na oficina *Cine Sin Fronteras* – uma experiência de imersão em produção audiovisual voltada a povos originários, orientada por Iván Molina e realizada naquela ocasião em uma comunidade Aymara (Bolívia). Nesta experiência inicial de formação, Iván Molina introduziu algumas das noções que seguem ainda hoje guiando a prática da Ascuri, como as de *autonomia* e de *horizontalidade*.

Muita água correu na trajetória da Ascuri até que, uma década mais tarde, a Escola de Cinema Darcy Ribeiro, com sede no Rio de Janeiro, oferecesse ao coletivo três vagas em alguns de seus cursos de especialização (direção, roteiro e montagem). Foi assim que Michele Perito, Ademilson “Kiki” Concianza e Gilearde “Gee” Barbosa Pedro – jovens membros Kaiowá da Ascuri, moradores da aldeia Panambizinho (Dourados/MS) – partiram para a capital fluminense diante da oportunidade de acessarem o universo do cinema *karaí* (“dos brancos”)⁷. Tal experiência acabou por estimular um processo de amadurecimento de seus *próprios modos de fazer cinema*, ao mesmo tempo em que adquiriram uma maior capacitação técnica para navegar equipamentos e processos inerentes à produção cinematográfica. Porém, como bolsistas do curso, mas sem a garantia de condições de permanência na cidade, tal experiência não foi vivida sem significativos sacrifícios pessoais para cada um dos jovens envolvidos. O filme “Mokõi Kovoe” é uma das primeiras produções realizadas pela Ascuri após o retorno de seus membros à aldeia e é, assim, um dos primeiros frutos colhidos pelo coletivo a partir desta experiência de formação.

6 Iván Molina Velasquez, de origem Quéchua, formou-se na Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños (EICTV/Cuba) e é um dos fundadores da Escuela de Cine y Artes Audiovisuales (ECA/Bolívia). Ao longo de sua trajetória como documentarista e professor, tem atuado como um grande fomentador de um cinema realizado pelos povos originários na América Latina.

7 Cf. <<http://www.escoladarcyribeiro.org.br/indigenas-do-ms-vaio-cursar-direcao-roteiro-e-montagem-na-escola-de-cinema-darcy-ribeiro/>>. Acesso em 10 jun 2021.

2 Mokõi roikove, “nós duas sobrevivemos”⁸

No atual contexto de desmonte das políticas públicas voltadas ao fomento do setor cultural, em geral, e ao cinema, em particular, somado a um acúmulo de dificuldades trazidas pela pandemia, o anúncio da Lei Aldir Blanc⁹ em 2020 trouxe algum alento. Foi neste cenário que a Ascuri foi contemplada em um edital lançado pela Secretaria Municipal de Cultura de Dourados/MS e pôde dar início à fase de pré-produção do filme com a perspectiva de receber algum recurso, ainda que modesto, para sua realização. Estando os membros da Ascuri dispersos por diferentes aldeias, cidades e até mesmo países, iniciou-se um processo de elaboração coletiva do roteiro inteiramente mediado por ferramentas virtuais de comunicação¹⁰.

Em sintonia com um dos princípios que orientam o trabalho da Ascuri – o de fomentar *por meio* do audiovisual o contato da juventude indígena com os mais velhos, guardiões das palavras e saberes de seu povo –, a criação deste roteiro foi suscitada a partir da leitura do mito de origem do *Kovoe*. O mito foi registrado em um livro organizado pela etnóloga Friedl Paz Grünberg (2011) em que ela compila diversas narrativas Guarani colhidas ao longo das últimas décadas, histórias narradas oralmente para então serem transcritas em livro, chegando finalmente às mãos dos jovens de Panambizinho, Kiki e Gee. Esta narrativa, semi-adormecida em texto, quando levada à *ñandesy* Anamélia Concianza, ganhou uma nova versão, ao mesmo tempo em que recuperou sua oralidade, seu som, textura, afetos e atualidade.

Esta ideia inicial para o filme surgida em Panambizinho viajou então à aldeia de Eliel Benites, Te'yikue (Caarapó/MS), e seguiram juntos desenvolvendo-a até que resultasse na escrita de um roteiro em formato propriamente “cinematográfico”¹¹, acompanhado de um pequeno texto que articula o filme a conceitos centrais à cosmologia Kaiowá e o situa politicamente na atualidade vivida por este povo. Foi percorrendo esta trajetória de encontros entre a cosmologia kaiowá e as tecnologias de comunicação dos *karaí* (primeiro, o gravador do etnólogo, depois, as palavras escritas guardadas em livro e, por fim, o cinema da Ascuri) que uma memória viva, mas semi-adormecida, foi pouco a pouco sendo despertada pelos jovens Kaiowá. O *kokove* representa a vida dos Guarani e Kaiowá na terra, e, assim, pareceu aos membros da Ascuri a narrativa ideal para atualizar nas telas.

8 Conforme explica a *ñandesy* Anamélia, escutamos o canto do Jaó como “mokõi kokove” ou “mokõi kovoe” (grafia escolhida para dar nome ao filme), mas, na compreensão humana, o pássaro está dizendo “mokõi roikove” (“nós duas sobrevivemos”, em tradução para o português).

9 Cf. <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2021/06/a-emergencia-da-cultura-e-a-lei-aldir-blanc/>>. Acesso em 10 jun 2021.

10 As habilidades e as condições necessárias para que essa forma de trabalho fosse possível é também “herança” da pandemia (como, por exemplo, a instalação de internet na casa de um dos membros da Ascuri na aldeia Panambizinho).

11 Na experiência da Ascuri, esta foi a primeira vez que desenvolvemos um roteiro por escrito em formato propriamente “cinematográfico”, pois até então sempre trabalhamos com o roteiro apenas “na cabeça”. Assim inauguramos uma nova forma de fazer cinema, um roteiro pensado de maneira coletiva, atual e em rede.

Em paralelo às trocas referentes ao desenvolvimento do roteiro, iniciou-se a realização de encontros virtuais semanais para o planejamento de todos os aspectos de produção do filme, reuniões conduzidas por Iván Molina e com a participação de outros membros e parceiros da Ascuri envolvidos na produção. Um ponto crucial deste planejamento dizia respeito ao andamento da vacinação contra a covid-19 da população nas aldeias sul-mato-grossenses, condição essencial para a realização das filmagens¹². Estes encontros propiciaram ainda a realização virtual de algumas “mini-oficinas” que ofereceram uma espécie de formação complementar para algumas atividades específicas (no caso, som e continuidade¹³). Essa fase de pré-produção compreendeu ainda a compra e confecção de equipamentos, um mapeamento dos possíveis locais de filmagem, além de um breve treinamento de manuseio do drone recém-adquirido, equipamento que permitiria a exploração e experimentação de novas perspectivas.

A filmagem da maior parte das cenas, sobretudo daquelas com a presença de atores, se concentrou em um período de cinco dias ao longo dos quais transitamos entre dois territórios de ocupação Kaiowá no município de Caarapó/MS: a aldeia Te'yikue e a retomada Te'yijusu, situada nos entornos da aldeia¹⁴. Chegando em Te'yikue, toda a equipe da Ascuri vinda de Panambizinho alojou-se na Escola Municipal Indígena Ñandejara-Polo. A escola serviu de base para todas as atividades relacionadas ao filme, onde toda a equipe se reunia diariamente, onde realizaram-se as oficinas de atores, onde fizemos nossas refeições e, sobretudo, onde passamos mais tempo juntos. Na retomada Te'yijusu encontra-se a *casa de reza*, circundada por belas roças de milho e mandioca – contrastando com os extensos plantios de soja que dominam a paisagem da região. Foi ali que os *rezadores* – como costumam ser chamados em português os *ñanderu* e as *ñandesy*, xamãs, líderes espirituais – conduziram o *jeroky* (dança-ritual), especialmente promovido em função das filmagens. As demais cenas do filme foram captadas em lugares adjacentes a estes dois “polos”

12 A partir do momento em que se definiu que as filmagens ocorreriam quando todos os indígenas envolvidos estivessem plenamente imunizados, a Ascuri convidou Luiza Serber a colaborar também com as atividades presenciais, de modo a oferecer, sobretudo, um apoio em questões de produção e logística. André Doneux também se juntou para oferecer este apoio. Para tanto, foram tomadas todas as medidas possíveis para minimizar os riscos de contágio: todos os trajetos foram percorridos de carro; foi realizado às vésperas da viagem um exame PCR para covid-19; e foi feito uso rigoroso de máscaras durante todo o período (dentro e fora das aldeias).

13 Colaboraram como professores destas oficinas, respectivamente, Pedro Gradella (coordenador do Centro de Artes da UFF) e Ivania Molina (continuista, Bolívia).

14 As chamadas áreas de *retomada* são territórios ocupados por famílias Guarani e Kaiowá que constituem um movimento, intensificado a partir da década de 80, de reivindicação pela demarcação de terras tradicionalmente ocupadas por estas populações. Em Mato Grosso do Sul, onde as populações indígenas da região foram submetidas a um processo de “confinamento” em pequenos territórios descontínuos denominados *reservas*, as chamadas áreas *retomadas* são expressão da insuficiência e da morosidade dos processos de demarcação e das dificuldades enfrentadas pelas famílias dentro das *reservas*. A Reserva Indígena de Caarapó, conhecida como aldeia Te'yikue, foi delimitada pelo SPI em 1924 e hoje se encontra circundada por uma série de áreas *retomadas* a partir de 2013, entre as quais a retomada Te'yijusu (BRAND, 2004; BENITES, 2020). A aldeia Panambizinho, também mencionada neste relato e homologada apenas em 2004, é exemplo da resistência dos Kaiowá frente aos projetos federais de colonização (em particular, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados) e frente ao seu confinamento em áreas de *reserva*.

> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 2 e 3 – Filmagens em frente à *casa de reza* de Te'yijusu. Em fila, os *ñanderu* Lídio Sanches e Florêncio Barbosa, junto a lideranças locais e aos jovens de Te'yikue. Por trás da câmera, Quênio (jovem de Panambizinho, mais novo integrante da Ascuri), Alexquison, Kiki e Gee (SERBER, 2021).



3 Teko joja, modo harmonioso de ser

Marca fundamental da realização deste filme é o caráter *comunitário* de todo seu processo – caráter comumente apontado como distintivo e característico do chamado “cinema indígena”. Ao longo de todas as etapas da filmagem, a equipe da Ascuri continuamente esforçava-se por integrar a comunidade de Te’yikue àquele projeto de realização do filme, permitir que esta não apenas se engajasse em sua produção, mas se apropriasse mesmo dele. O vínculo entre comunidade e filme, de início instável e frágil, foi pouco a pouco se consolidando. Este se estreitou, primeiramente, por meio da inclusão de professores indígenas¹⁵ que ofereceram um apoio fundamental a toda a realização, indicando alguns de seus alunos a participarem das oficinas de atores, acompanhando-os e amparando-os ao longo de todos aqueles dias de intensa dedicação.

Kiki, tendo iniciado sua trajetória no cinema como ator¹⁶, foi quem ofereceu as oficinas aos atores mirins, lançando mão de diversas técnicas e dinâmicas aprendidas em sua própria experiência de formação em atuação. O objetivo destas oficinas não era apenas selecionar as duas principais atrizes a interpretar as filhas de Ñanderu que então se transformariam em *kovoe*, mas também cultivar a conexão daquelas crianças e adolescentes com tudo que aquela experiência proporcionava: o contato com as técnicas e processos da produção audiovisual e, sobretudo, a convivência com os *rezadores*, com as narrativas e práticas rituais Kaiowá, e o encontro com suas palavras, *ñe’*. Tal cultivo se tornava evidente à medida que o momento da escolha das atrizes foi sendo adiado, optando-se por filmar algumas das cenas repetidas vezes com todas as possíveis atrizes, para apenas na fase de montagem selecionar aquelas com as atrizes escolhidas. Prevalecia a lógica de que nada daquilo era esforço ou tempo perdido, o mais importante era o partilhar daquela experiência e de seus aprendizados – aprendizados do *arandu* (conhecimento, sabedoria)¹⁷.

¹⁵ Entre os professores envolvidos, destacamos a participação de Voninho Benites Pedro, liderança Guarani Kaiowá, membro do conselho Aty Guassu e do Conselho Continental da Nação Guarani.

¹⁶ O primeiro contato de Kiki com o universo do cinema se deu através de sua participação como ator no filme “Terra Vermelha” (Marco Bechis, 2008).

¹⁷ Etimologicamente, a palavra *arandu* contempla *ára* (dia, tempo, espaço) e *ndu* (ouvir, sentir). Assim a palavra se refere a “ouvir, sentir o tempo-espaço”.

> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 4 e 5 – Na Escola Ñandejara-Polo, Kiki conduz as primeiras oficinas de atuação com os jovens de Te'yikue (SERBER, 2021).



Aqueles dias de filmagem só foram possíveis graças a um delicado trabalho anterior de articulação conduzido por Eliel Benites de modo que os diferentes domínios que compõem a comunidade de Te'yikue e da retomada Te'yijusu, através de seus respectivos representantes, estivessem abertos a receber aquela atividade e nossa equipe. A "bênção" da realização do filme por parte de lideranças locais e *rezadores* foi sendo cuidadosamente tecida antes mesmo da chegada da equipe na aldeia, bem como nos dias iniciais da filmagem, em que a proposta do filme e os membros da equipe foram formalmente apresentados. Essa aprovação era essencial para que as coisas transcorressem bem, sem que houvesse contratemplos.



Figura 6 – Em Te'yijusu, a Ascuri apresenta à comunidade cada um dos membros da equipe e a proposta do filme (SERBER, 2021).

> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 7 e 8 – Com a “bênção” das lideranças e dos ñanderu, realiza-se um *jeroky* que marca o início das filmagens (SERBER, 2021).



O caráter *comunitário* de toda a produção se evidenciava não apenas pela integração com a comunidade de Te'yikue e da retomada Te'yijusu, mas também pelo conjunto de pessoas que se deslocaram de Panambizinho até lá. Esse conjunto era composto não apenas pelos realizadores da Ascuri, mas também pelas suas esposas, filhos, mães, igualmente essenciais àquela realização – contrastando assim com uma lógica comercial de cinema, em que a equipe é reduzida ao máximo. Os momentos de trabalho eram entremeados por rodas de tereré¹⁸, que, por sua vez, eram também *ñemongeta jere* (rodas de conversa) – disposição considerada ideal pelos Kaiowá para a partilha e para a tomada de decisões (CARRION; THOMAZINHO, 2019, p.16). Elemento essencial também à experiência comunitária era a partilha de alimentos, o *comer junto*. Daí a importância fundamental da Narcísia, merendeira da escola e cozinheira de toda a equipe durante aqueles dias, e da farta oferta de alimento possibilitada pelo recurso recebido para a produção, com destaque à mandioca colhida pela própria equipe e cultivada nos arredores da *casa de reza*. A atmosfera, assim, era de realização de um *mutirão*, em que todos se dedicavam a um projeto comum no qual a contribuição de cada um era reconhecida como de fundamental importância. Nessa dinâmica de mutirão, conduzido com a calma e gentileza que é característica dos Kaiowá, exercitamos e experimentamos uma retomada do *teko joja*, do jeito harmonioso de ser (BENITES, 2020, p.34).



Figura 9 – Parte da equipe do filme “Mokõi Kovoe”. Ao centro, os cineastas Gee, Kiki e o novato da Ascuri, Quênio. Nas laterais, dois participantes de Te'yikue, Iarlei (figurante, à esquerda) e Micael (assistente de som, à direita) (SERBER, 2021).

¹⁸ Bebida gelada de erva-mate, de uso ancestral dos povos Guarani.



Figuras 10 e 11 - Quênio (acima) e Gee (abaixo) colhem mandioca nas roças de Te'yijusu (SERBER, 2021).



4 *Yvy rendy*, o mundo espiritual

Pode-se dizer, no entanto, que o eixo que sustentou e orientou todo o processo de produção filmica se situa, antes, na relação com o *mundo espiritual*, sendo os *rezadores* os principais guias e agenciadores dessa relação. Essa relação atravessou cada etapa do filme e de seu processo de realização – do mito que lhe dá origem, à maneira como as coisas transcorreram nos dias da filmagem, às escolhas de montagem. Conforme explica Lídio Sanches (*rezador* de Te'yikue que esteve presente durante as filmagens),

[...] “o mundo (todo o cosmo existente) que conhecemos é uma parte da totalidade da existência”. Portanto, há dois mundos em conexão. Na língua Guaraní, chamamos de *Yvy rei* ao mundo que conhecemos (mundo passageiro, que não é o verdadeiro mundo), e o mundo espiritual é *Yvy rendy* (terra iluminada), onde habitam os espíritos, que é, ao mesmo tempo, nossa verdadeira morada (BENITES, 2014, p. 64).

A conexão entre *Yvy rei* e *Yvy rendy* é permanentemente atualizada por diferentes agentes-seres que se expressam por meio de diferentes *lingua-gens*. Enquanto a chuva, o vento, os raios, os sons de animais e da floresta são a língua dos espíritos; os homens têm nos cantos-reza *porahéi* o elemento central de sua mediação entre distintos mundos (BENITES, 2014, p.64, 65), sendo os *rezadores* aqueles especialmente aptos a operarem o trânsito e a comunicação entre eles. Sejam os enunciadores espíritos ou *rezadores*, importa não apenas o que é dito, mas a *forma* como é dito. E é sobre essa complexa trama de linguagens e formas que se assentam as filmagens de “Mokõi Kovoê”, acrescentando a ela mais uma camada.

Os *rezadores* – em especial Anamélia Concianza, de Panambizinho, Lídio Sanches e Florêncio Barbosa (conhecido como “Baixinho”), de Te'yikue – estiverem presentes em diversas fases de realização do filme. A *ñandesy* Anamélia (mãe de Kiki, neta de Pa'i Chiquito¹⁹, e grande conhecedora das histórias Kaiowá), esteve envolvida desde o momento de concepção do roteiro e viajou conosco até Te'yikue para participar também das filmagens. Os *ñanderu* Lídio e Baixinho chegaram ao encontro da equipe performando o *jehovasa*²⁰ (ritual de recepção espiritual e de retirada de mal espírito do lugar), imbuindo aquela empreitada de *força espiritual*. Daquele momento em diante, o *jehovasa* passou a marcar cada etapa da produção, transformando toda aquela experiência – os corpos-objetos e as relações que a constituem – em uma espécie de continuum ritual.

19 Pa'i Chiquito foi um grande líder espiritual denominado como *techakára* (revelador), que fundou a aldeia Panambizinho através de seu canto-reza. Este líder realizava grandes rituais sagrados como o *Kunumi pepy* (ritual de perfuração dos lábios dos meninos) e o *Jerosy* (ritual do milho branco). Parte das famílias que hoje vivem em Panambizinho descendem deste grande líder.

20 *Jehovasa* é um conjunto de cantos-reza que se comunicam com os espíritos (positivos e negativos) para que o evento no qual o rezador está presente corra bem. O canto pede que o mal espírito se retire e que os bons espíritos se façam presentes no evento (tempo). Assegura-se, assim, a perfeição do encontro entre diferentes pessoas, pois na ótica dos mais velhos o encontro não é apenas físico, mas também um encontro das almas das pessoas, que inaugura o tempo-espaço (*ára*).



Figura 12 – Os *ñanderu* Lídio Sanches e Florêncio Barbosa realizam o *jehovasa*, marcando a passagem de mais uma etapa da produção (SERBER, 2021).

A presença dos *rezadores* ao longo dos dias da filmagem, desempenhava a dupla função de orientar o trabalho da equipe, ao mesmo tempo em que estes eram também “guardiões” de todo o processo. Os últimos dias de filmagem estavam ameaçados de chuvas, podendo comprometer, em especial, as cenas a serem gravadas em uma pequena cachoeira. Em um breve momento de trégua das águas, corremos para o local de filmagem e nos embrenhamos no mato carregados de equipamentos valiosos e frágeis, uma grande lona e sacos plásticos. Anamélia, embora não fosse atuar naquelas cenas, acompanhou toda a correria entoando *cantos-reza* e fazendo *jehovasa*, garantindo que os *donos* da água (*yryvera*) e da mata (*ka’aguy jára*) fossem devidamente saudados²¹ e que, assim, toda a equipe, bem como seu trabalho, estivesse resguardada. E assim foi. A chuva caiu, mas os seus intervalos proporcionaram todo o tempo e a luminosidade desejada para as filmagens.

21 Na visão dos Guarani e Kaiowá, as matas, os rios, as áreas pantanosas e muitos outros lugares são domínios de diferentes guardiões do lugar e, por isso, quando se transita é necessário pedir licença a esses guardiões. É por esta razão que Anamélia rezava, para se comunicar pedindo espaço para se realizar a produção do filme.



Figuras 13 e 14 – A ñandesy Ananmélia faz *jehovasa*, pedindo licença aos donos da água (*yryvera*) e da mata (*ka'aguy jára*) para as filmagens (SERBER, 2021).

<<<<<<<<<

RELATOS

> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 15 e 16 – Na foto acima, da esquerda: Eliel, a *ñandesy* Ananmélia, Kiki, e Voninho. Na foto abaixo, as duas irmãs (futuras *kovoe*) encenam o momento em que percebem terem sido deixadas (SERBER, 2021).



Os três *rezadores* estiveram especialmente atentos ao desempenho das jovens candidatas a assumirem o papel da *itykéra* (irmã mais velha), filha de Ñanderu e futura *kovoe*, pois desempenhariam mais tarde um papel decisivo nesta escolha. Depois de filmadas boa parte das cenas, a equipe da Ascuri fez uma rápida montagem do material, reunindo em “pequenos filmes” a atuação de cada uma das candidatas. Decidiu-se que a escolha das atrizes deveria manifestar o desejo de toda a comunidade envolvida, mas que a palavra final seria de responsabilidade dos *rezadores*. Assistimos então, juntos, a cada um dos pequenos filmes e nossas reações, enquanto público, já expressavam nossas preferências. A palavra final foi, então, concedida aos *rezadores* que, por sua vez, a concedeu à *ikypy'ýra* (irmã mais nova), que finalmente escolheu a atriz. Para a equipe da Ascuri, tal processo permitiu que a escolha não fosse técnica, mas *espiritual e coletiva*. Uma vez escolhidas, as duas irmãs receberam um batismo denominado *ombohero* (ritual de canto-reza que chama o espírito do jaó para pousar nos corpos das duas meninas), para que desempenhassem bem a função na condição de representantes da comunidade.



> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 17 e 18 – Acima, Gee orienta uma das atrizes enquanto, ao fundo, os *ñanderu* e outros membros da comunidade observam atentamente. Abaixo, da esquerda, Eliel Benites, Lídio Sanches e Florêncio Barbosa (SERBER, 2021).

<<<<<<<<<<<<

RELATOS

351



Figuras 19 e 20 – Acima, *ñanderu*, atores, atrizes e demais envolvidos nas filmagens assistem às diferentes versões do filme para avaliar as atrizes. Abaixo, *ñanderu* e *ñandesy* cantam-rezam durante o processo de escolha das atrizes (SERBER, 2021).

Para além da estreita relação com os *rezadores* e da própria narrativa mítica retratada, o *mundo espiritual* atravessou o filme, também, no que diz respeito aos equipamentos empregados e nas posteriores escolhas de montagem²². O uso do drone foi pensado para indicar ao espectador o trânsito entre diferentes tempos e patamares que compõem o cosmo Kaiowá. Em uma das cenas, seu movimento de subida em diagonal do *yvyra'i* (pequeno altar) em direção ao céu traduz em imagem o momento em que a comunidade torna-se *aguyje* e eleva-se em direção ao *kandire*. A cena final, que captura um belo pôr do sol de luminosidade amarelada sobre uma plantação de soja, sugestiona o *Araguaju* – que apesar de encantador, é o lugar dos mortos e fonte dos malefícios humanos (BENITES, 2020, p.22).

Nesta paisagem cosmológica em que distintos mundos são conectados por diferentes linguagens, as imagens e os sons do cinema – bem como os corpos-objetos que os produzem e guardam – se integram também como elementos atuantes neste campo de mediações. A forma como a equipe da Ascuri, sob orientação dos *rezadores*, conduziu todo o processo de produção fílmica, expressava a consciência de que o trabalho ali desenvolvido afeta – e era afetado por – relações e agentes, visíveis e invisíveis, humanos e não-humanos, tipicamente geridos pelo xamanismo. A adaptação para o cinema de uma história tradicionalmente transmitida pela oralidade, tensiona os âmbitos do ouvir, *hendu*, e do ver, *hecha* – constitutivos de diferentes formas de percepção da palavra (CHAMORRO, 2008, p. 60) – ao mesmo tempo em que potencializa a conexão entre um tempo-espaço primevo e o mundo-vivido atual.



22 Esta etapa contou com a colaboração de Iulik Lomba de Farias, mestre em Antropologia pela UFGD, doutorando em Cinema na UFF e parceiro de longa data da Ascuri.

> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)



Figuras 21 e 22 – O ñanderu Lídio Sanches fala sobre o processo do *aguyje* enquanto os mais jovens distribuem os elementos – milho branco e urucum – que formam o *caminho brilhante* no filme (SERBER, 2021).



Considerações finais

Se iniciamos esse relato falando de *ñe'ẽ* – da *palavra-alma* Kaiowá – retornemos agora a elas. Seguem as palavras de Eliel Benites durante a roda de encerramento das filmagens em Te'yikue, fala que condensa muitas das noções aqui apontadas e dá a dimensão da importância do trabalho desenvolvido hoje pela Ascuri:

É a primeira vez que a Ascuri assumiu uma responsabilidade dessa, primeira vez no sentido de receber recurso, mas também no sentido de dar início a outra grande responsabilidade. Por quê? Porque nós temos várias histórias, histórias sobre o Sol e a Lua, sobre os animais, sobre todo tipo de mitologia, é muito rico! Então a nossa história é a nossa riqueza em termos de memória, história antiga, tem muito. O problema é que os mais velhos estão morrendo. Nesse tempo da pandemia, então. A gente percebe, a gente vê na mídia, que está morrendo muita gente e vem acelerando esse processo. E nesse processo a nova geração vai se criando. Só que essa nova geração que nasce muitas vezes já vai pro trabalho, vai esquecer essa memória, o próprio *arandu*, o conhecimento. Cada vez mais vai se produzindo uma geração de esquecimento. Por isso que o nosso compromisso como Ascuri é muito importante. Quanto mais um povo esquece a sua história, mais ele se perde. Então um povo ele existe porque ele tem a sua memória. Você é alguém se você tem história. Se você não tem história você não é ninguém. A gente é produto de uma história. O problema é que esse mundo do *karai* – *karai reko*, mundo moderno, sistema do *karai*, sistema do mundo que está aí – ele apaga essa memória. Quando a gente esquece a nossa memória, esquece a nossa terra, esquece a nossa tradição, a nossa língua, *ñee*, que é nosso principal instrumento para entender o mundo. A gente enxerga o mundo a partir do nosso olhar, e o nosso olhar é construído pela nossa história, a gente enxerga o mundo do lugar em que a gente vive. Por isso que é importante a Ascuri manter esse trabalho. Parece que não é muito para a pessoa que está se envolvendo pela primeira vez, mas é muito importante, porque é um instrumento que vai fazer uma conexão, a memória dos mais velhos com as novas gerações. Uma ligação. Por isso que fazer filme na perspectiva da Ascuri não é só produzir, mas *viver* essa história. Por isso que a gente fala pra atriz, “vamos sentir aquela tristeza do *kovoe*, vamos sentir como é que aquele *kovoe* foi abandonado. O que é ser abandonado? Todos nós temos esse sentimento de abandono. Na história foi construído esse abandono. Esse sentimento de abandono foi criado no início dos tempos. Ele foi criado pela história do *kovoe*. E hoje a gente é abandonado, de uma certa maneira, como povo Guarani-Kaiowá. A gente fica então sem horizonte. Então essa é a missão maior que nós temos. Nosso compromisso como profissional, como instrumento produtor de uma determinada narrativa audiovisual que faz o retorno dessa memória viva. A memória sobre o passado como horizonte para construir o futuro. Por isso que as pessoas quando esquecem sua história se perde no mundo do branco! Por que o mundo do branco. Perde a língua, perde o entendimento sobre a natureza, como a gente vai levantar uma família. Tudo! Ele se perde. Porque o jeito dos outros é importante, é encantador, mas não é uma coisa que vai orientar a nossa existência. Então por isso a memória – *ñande* [nossa] história, língua, cultura, tradição, *arandu* – é importante! E o fazer filme é um processo de viver isso hoje, através dessa história. Aguyjevete! Vamos continuar na luta!



> Mokõi Kovoe, por trás das câmeras da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri)

Por fim, convidamos o leitor a acessar o canal da Ascuri no Youtube para assistir ao filme “Mokõi Kovoe”, cuja narrativa espelha a narrativa do mito:

“Ñanderu prepara toda a comunidade para percorrer o *caminho brilhante* e tornar-se *aguyje* – estado de perfeição, plenitude –, processo de elevação do corpo em direção ao *kandire* (terra sem males). Suas duas filhas, porém, ao ignorar as orientações de Ñanderu, são deixadas na terra, experienciando assim o abandono e a tristeza. Ouvindo seus lamentos, Ñanderu as transforma no pássaro *kovoe*, para que possam assim sobreviverem sozinhas. Ainda hoje, o *kovoe* canta na mata: “*mokõi roikove*” (“nós duas sobrevivemos”) e sua história é lembrada a cada vez que o mito é narrado e enunciado em cantos rituais.”

Assista aqui ao filme: <<https://www.youtube.com/watch?v=RxJH85lBpbU>>.



Mokõi Kovoé, 2021.



REFERÊNCIAS

BENITES, Eliel. Oguata Pyahu (Uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da Reserva Indígena Te'ýikue. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, 2014.

BENITES, Eliel. Tekoha Ñeropu'ã: aldeia que se levanta. **Revista NERA**, v. 23, n. 52, p. 19- 38, dossiê., 2020.

BRAND, Antônio. J. Os complexos caminhos da luta pela terra entre os kaiowá e guarani no MS. **Tellus**, Campo Grande, n. 6, 2004, p. 137-150.

CARRION, Dirce.THOMAZINHO, Gabriela (orgs). Projeto Teko Joja. União Européia: Projeto Imagem da Vida, 2019.

CHAMORRO, Graciela, CONCIANZA, Misael e PEREIRA, Levi M. Kaiowa Mombe'upy Nhemohembypy Rehegwa— Relatos da cosmogonia Kaiowá: Implicações no campo linguístico e na produção vida social. Espaço Ameríndio. Vol. 10, n.1, p. 10-33, jan/jun, 2016.

CHAMORRO, Graciela. **Terra Madura - Yvy Araguayje**: Fundamento da palavra guarani. Dourados: Editora UFGD, 2008, 368 p.

GALACHE, Gilmar. KOXUNAKOTI ITUKEOVO YOKO KIXOVOKU – Fortalecimento do jeito de ser Terena: o audiovisual com autonomia. 123f. Dissertação (Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2017.

GRÜNBERG, Friedl Paz (Org.). 2011. **Ñande Ypykuéra ñe'engue**. Minas Gerais. UFMG.



Mokõi Kovie, câmara Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri) rapykuéri rupi

Ñe'e mbyky: Kóá ko jehai pyre, ñe'ẽ há ta'anga rupive, omombe'u mba'éichapa ojejapo ta'angapu "mokóĩ kovie", ojapo va'ekue Associação Cultural de Realizadores Indígenas (Ascuri) amo tekoha Kaiowápe. Upépe oñemongeta mbyky hina mba'éichapa oñemombe'u akue ijypy ramo guare guyra kovie, ohasa ramo guare heta ára, mba'ekuaa, jehaipyre há ayvu oguãhẽ haguã cinema pe (ta'angapu). Ko jehai oñemombarete hina mokóĩ jekoha rehe: tenondegua, ta'angapu ojejapoha tekohápe maymáva ndive, oikuãve'ẽvo mba'éichapa jaipyhy jevy haguã teko joja, há upéi, oñembojoaju arandu yvy rendy rehegua (teko jára renda), upépe ñanderu há ñandesy (opurahéiva, tendota kuéra) ñande gueraháva há omoĩ porãva umi mba'e. Jajegueroyvate ára rehe jajepokóvo ára joguigui rehe heta iñambuéva ayvu, ta'anga há mba'epu oja'póva cinema Ascuri – avei heta mba'e oja'póva há oguero'pytáva – ojehe'áva mbarete oikóva há ojejapóva.

Ñe'ẽ mbarete: Ta'angapu ava mba'éva; Kaiowá arandu; Visualidades ameríndias.

Recebido em 08 de julho de 2021

Aprovado em 12 de julho de 2021

